

TRADUZINDO A REVOLUÇÃO: AS METÁFORAS LINGÜÍSTICAS DE GRAMSCI*

Peter Ives**

Na verdade, pode-se dizer que apenas na filosofia da práxis está a "tradução" orgânica e global [entre civilizações diferentes], enquanto em outros pontos de vista encontramos quase sempre um simples jogo de "esquematismos" genéricos.

Antonio Gramsci¹

INTRODUÇÃO

No início do século XXI, em completa oposição ao século anterior, a idéia de "unidade" agora em quase todos os lugares parece evocar imagens de mesmice, homogeneidade, centralização, tendências antidemocráticas e pouca atenção às particularidades e diferenças. Os movimentos feministas e os militantes anti-racismo apontaram a forma como a classe trabalhadora pode por vezes impedir a solidariedade entre os sexos e entre os grupos étnicos. Nos debates entre o marxismo, o pós-modernismo e o liberalismo, o marxismo quase sempre perde a batalha (pelo menos, do ponto de vista retórico) pela capacidade de analisar as questões que envolvem a diferença, a pluralidade e a democracia. Alguns alegariam que isso se deve à exigência do marxismo de que os *trabalhadores* do mundo sejam os portadores do potencial revolucionário e que eles devam se *unir* em uma posição comum perante a economia capitalista. Outros ressaltam as percepções de Marx com relação à dinâmica homogeneizante (e unificadora) do capitalismo, na qual

as diferenças e a fragmentação são incluídas em técnicas de *marketing* em nichos. Mais do que me embrenhar nos escritos de Marx sobre essas questões eu me debruçarei sobre o trabalho de Antonio Gramsci, em busca de um modo de pensar sobre a "unidade" e a "diferença".

Não é coincidência alguma que a base escolhida para o entendimento de Gramsci sobre a unidade e a diferença seja o de seus escritos sobre a linguagem. Trata-se de uma manobra estratégica que considera a tão chamada "virada lingüística" e sua filiação com o pós-modernismo. Gramsci, e nesse sentido também Marx, trata da questão da identidade de várias formas que podem servir como ponto de partida. Pretendo me concentrar nas metáforas lingüísticas de Gramsci para lançar novamente o debate entre o marxismo e o pós-modernismo, para que essa "matéria" e o "materialismo" não fiquem separados diametralmente em "linguagem" e "idéias".

Em outra ocasião, mostrei como os primeiros estudos de lingüística de Gramsci exerceram um impacto profundo sobre sua teoria social e política. Jeremy Lester também assinalou a importância dos escritos de Gramsci sobre a linguagem.² Além disso, para Gramsci, a questão de "unidade" política era indissociável da questão da língua italiana (*la questione della lingua*) criada pela ausência virtual de um idioma italiano padrão em 1861, quando a Itália foi unificada politicamente. Naquele tempo, apenas 2,5% da população italiana falava "italiano".³

Neste ponto, desejo me concentrar na questão relacionada da tradução, que revela como, para Gramsci, o entendimento de como a diferença e a

* Cf. "Translating Revolution: Gramsci's Linguistic Metaphors", publicado originalmente em *Counter Hegemony*, n° 3, 2000, pp. 36-45, trad. Ilka Maria de Oliveira Santi.

** Gostaria de agradecer ao Instituto de Ciências Humanas, da Universidade de Manitoba, no Canadá, pela ajuda na preparação deste artigo.

particularidade se relacionam à unidade se torna uma forma inerentemente política e revolucionária. Opondo-se àqueles que consideram a tradução como uma prática literária ou um problema técnico da lingüística, Gramsci segue Martin Luther King, considerando-a como um ato político completo.⁴ Não apenas a tradução é um ato político como a própria política pode se beneficiar do uso da tradução como uma metáfora para a compreensão de como os diferentes contextos e experiências de vida podem ser trazidos em uma unidade dinâmica e democrática, criando uma solidariedade verdadeira.

Gramsci rejeita as noções de senso comum da tradução como uma transferência de algo de um idioma para o outro. Em vez disso, sua postura se assemelha mais à de Walter Benjamin e às teorias de tradução mais recentes, em especial as abordagens feministas, que negam a tradução como uma tentativa de superar o obstáculo, ou a maldição, da diversidade lingüística, criando uma expressão equivalente em um idioma diferente. Minando a oposição comum entre a produção criativa de um original e a transposição secundária e parasítica da tradução, Gramsci eleva a tradução como uma produção criativa e produtiva.

Para assinalar a importância de Gramsci como um pensador das diferenças lingüísticas, em especial da metáfora das diferenças culturais e políticas, vamos considerar a obra *Em busca da língua perfeita*, de Umberto Eco, que nos leva a repensar nossas pressuposições sobre as vantagens da unidade lingüística. Quase no final desse brilhante estudo, Eco se refere às possibilidades de uma 'Europa poliglota' no futuro:

A Europa poliglota não será um continente em que os indivíduos conversarão fluentemente em todas as outras línguas. Na melhor das hipóteses, poderá ser um continente em que as diferenças de idioma não mais serão barreiras de comunicação, onde as



Gramsci



Martin Luther King

peças poderão se conhecer e conversar, cada uma falando seu próprio idioma, entendendo, no melhor que podem, o que a outra diz. Dessa forma, mesmo aquelas pessoas que nunca aprenderam a falar fluentemente um outro idioma poderão partilhar dessa habilidade, captando um *flash* do universo cultural particu-

lar que cada indivíduo expressa toda vez que fala a língua de seus ancestrais ou de sua tradição.⁵

Se essa é uma "solução" para a (nova?) *questione della lingua* imposta pela "unificação" européia (ou o que hoje se chama de "integração"), é também uma tentativa de Eco de fazer a mediação entre as duas imagens de um idioma. Uma delas é a imagem do idioma como um meio de transmissão de informações, como um meio de comunicação necessário. A outra vem da concepção de Wilhelm Humboldt de que a língua é a expressão do gênio das nações.⁶ O estudo de Eco rastreia vários projetos ao longo da história, que procuraram o idioma perfeito, na esperança de superar a tragédia de Babel. Seu projeto acaba com as premissas de tais tentativas de construir ou revelar uma língua pré-babélica unificada. O que ele quer fazer é nos convencer a ir além da busca de uma língua perfeita. De forma realista, ele observa que não podemos gastar tempo, energia e recursos para aprender todas as línguas daqueles com os quais queremos falar. Por esse motivo, em vez da unidade lingüística, ele postula um diálogo, um intercâmbio, uma conversa por entre as várias línguas.

Eco percorre a longa história dos diferentes projetos de criação ou recuperação de uma língua perfeita e mostra que seu pressuposto era a perspectiva presente em Gênesis 11, segundo a qual a diversidade de línguas é uma maldição, uma punição ou, pelo menos, um impedimento impraticável. De forma astuta ele questiona se Gênesis 10 poderia ser um modelo melhor do que a história de Babel, em Gênesis 11. Em Gênesis 10, a diversidade de línguas existe antes da fundação de Babel. Sendo assim,



Umberto Eco

ela não é o resultado negativo da punição de Deus – é apenas a consequência da disseminação de famílias e nações dos filhos de Noé pela Terra. Superando as pressuposições babilônicas de diversidade lingüística como uma ameaça ou um obstáculo, Eco questiona se poderíamos aprender a ouvir e compreender as línguas nas quais nunca poderíamos expressar nossos pensamentos e sentimentos.

No entanto, de forma brilhante, ele examina as premissas sobre a diversidade lingüística ao longo dos séculos e, ainda que seja um projeto de pesquisa louvável, a visão de Eco ainda parece mitigar as lutas pelo poder inerentes às línguas em geral. No esforço de manter as particularidades dos povos que compõem essa “nova” Europa, esse diálogo não capta bem as diferenças significativas entre os diversos povos, ao tentar ressaltar e preservar essas mesmas diferenças. Eco tangencia os problemas políticos da tradução, uma vez que ela deixa de ser necessária quando se é capaz de entender os outros sem falar a língua deles. Mas, se como diz Walter Benjamin, “toda tradução é apenas uma forma um tanto provisória de dar conta do que é estranho nas línguas”,⁷ pelo menos a tradução identifica e tenta, ainda que de forma imperfeita, dar conta dessas diferenças. Por outro lado, Eco, aspira dar conta do aspecto “estranho”, evitando as condições históricas nas quais estão embutidas as diferenças. Na verdade, ele tenta margear a tradução.⁸ Os problemas da tradução são apenas obscurecidos pela “Europa poliglota” de Eco.

Voltando aos escritos de Gramsci sobre a tradução, podemos observar como ele concorda com a rejeição de Eco de impor ou revelar uma língua “perfeita” unificadora. No entanto, Gramsci vai além de Eco, ao entender a política da diferença lingüística. De forma mais explícita, Gramsci compreende as necessidades políticas de uma língua comum ou unificada. Ele argumenta que a fragmentação social, que inclui a diferença lingüística, em especial entre os camponeses do Sul e a classe operá-



Walter Benjamin

ria do Norte, foi explorada com muito sucesso por Mussolini. De acordo com Gramsci, o erro do liberalismo alemão foi sua incapacidade de unificar a nação na última metade do século XIX, criando as bases para o surgimento do fascismo. De forma similar, sem uma língua comum e sem que alguns compartilhem a comunicação, fica difícil organizar a luta contra o capitalismo. A importância da “noção de tradução” de Gramsci não se transforma em uma supressão das

diferenças. Pelo contrário, para Gramsci, a tradução revolucionária é possibilitada justamente por essas diferenças.

TRADUÇÃO E HEGEMONIA

Enquanto a concepção de tradução de Walter Benjamin tem sido um ponto central de muitas discussões a respeito do autor,⁹ a noção de “tradução” de Gramsci só recentemente começou a adquirir a mesma relevância, graças a outros de seus bem-definidos conceitos, como hegemonia, intelectual orgânico, revolução passiva, sociedade civil ou fordismo.¹⁰ Além de apontar as lacunas da formação de Gramsci, meu propósito aqui é ilustrar o uso da “tradução” por Gramsci, para combinar a análise política entre as culturas e a interpretação textual como um esforço para mudar o mundo. Meu enfoque residirá em ver como a tradução e a traduzibilidade vinculam as noções de Gramsci de análise social entre as culturas e sua interpretação do equacionamento, elaborado por Marx e Engels, da filosofia alemã com a política francesa e a economia política inglesa. Esses temas se misturam com a questão fundamental de se “traduzir” a Revolução Russa para a Itália, o resto da Europa e o mundo.

A relação entre a Revolução Russa e qualquer outra revolução possível que os comunistas pudessem pensar em realizar na Itália tem sido colocada, de forma correta, no cerne do desenvolvimento da hegemonia por Gramsci. É por esse motivo que os críticos em geral apresentam os conceitos de “hegemonia” e “socie-



Engels

dade civil” de Gramsci, citando a seguinte passagem:

Na Rússia, o Estado era tudo, a sociedade civil era primordial e gelatinosa; no Ocidente, houve uma relação adequada entre o Estado e a sociedade civil. Quando o Estado falseou, uma forte estrutura da sociedade civil por fim se revelou.¹¹

Assim, Gramsci lançou luzes sobre a “sociedade civil” — aí incluindo tudo: do sistema escolar e igrejas até produções teatrais, romances e folclore. Isso ocorre porque, diferentemente da Rússia pré-revolucionária, no Ocidente (incluindo-se a Itália), o Estado tinha o apoio de uma estrutura forte da “sociedade civil”,

na qual se ganhou o consentimento do povo.¹² A conquista do governo, definida em termos bastante restritos, não resultará no ganho efetivo do poder em uma sociedade em que esse poder político está enraizado nas estruturas sociais e nas

instituições culturais da sociedade civil. Portanto, a primeira questão que eu gostaria de destacar é a centralidade da “tradução” para o entendimento de Gramsci desse relacionamento entre a Rússia e a Itália.

TRADUZINDO A REVOLUÇÃO

Traduzindo Lênin de forma informal, Gramsci observou que: “Em 1921, V. Ilich [Lênin] [...] escreveu e disse (mais ou menos) o seguinte: não fomos capazes de “traduzir” a nossa língua para os europeus.”¹³ Na verdade, Lênin não empregou o conceito de tradução para descrever sua insatisfação com a resolução passada pelo III Congresso da Internacional em 1921, à qual Gramsci se refere. Na verdade, Lênin escreveu: “Não aprendemos como apresentar nossa experiência aos outros povos.”¹⁴ Por isso é que é Gramsci quem introduz o conceito de tradução [*tradurre*] no comentário de Lênin.¹⁵ A própria tradução “informal” ou “infiel” de Gramsci insere a “tradução” no original. Utilizando a “tradução”, ele é capaz de explicar como a



Marx

“apresentação” de “nossa experiência” — que é a da revolução — requer a “tradução” de um contexto para outro e não sua mera transmissão. Esse é o ponto de partida dele para uma série de conexões entre a análise social, sua leitura do equacionamento da filosofia alemã com a política francesa e a economia política inglesa, elaborado por Marx e Engels, bem como seu argumento epistemológico sobre a ciência.¹⁶

A noção de que a Revolução Russa deveria ser um modelo para a Revolução Italiana era um lugar-comum, em especial durante o *Biennio Rosso*, quando o slogan “Devemos fazer como na Rússia” se espalhava pelas fábricas de Turim.¹⁷ Mas Gramsci estava bem ciente da complexidade e da ambigüidade do que significava esse “fazer como na Rússia”. Ele levantou e repensou essa questão por meio do conceito de tradução.

O termo italiano “tradurre” tinha um sentido mais amplo do que o termo “translate” do inglês. Além de significar “tradução” lingüística, como no inglês antigo, também significava “expressar”, “interpretar”, bem como “convocar” e “transferir”. Apesar do uso mais comum de “tradurre” no italiano do que o “translate” no inglês, há evidências que sugerem que o uso do termo por Gramsci não é meramente superficial. Sua ampliação e exploração do conceito, bem como seu uso para relacionar partes díspares de seu projeto de pesquisa, assemelha-se ao desenvolvimento de conceitos que aprendemos a entender como “gramscianos”, tais como hegemonia, intelectual orgânico e sociedade civil.¹⁸

Assim como a palavra inglesa “translation”, “tradurre” tem a mesma origem que “tradição” e “traidor”, todas vindas do latim “tradir”, que significa “transmitir”. Assim, a etimologia do termo “tradurre” revela a ação recíproca de filiação entre a continuidade e a mudança (restauração-revolução), uma vez que os termos se alteram, mas retêm sua ressonância anterior. Essa ação recíproca é fundamental para o entendimento que Gramsci tem da linguagem como algo historicamente metafórico.¹⁹ A dinâmica de continuidade e mudança na tradução também contém a tensão entre o ser “fiel”

Lênin escreveu:

“Não aprendemos como apresentar nossa experiência aos outros povos.”

ao texto original e o estar atento ao público a quem se destina o texto. A expressão italiana "traduttore, traditore" capta bem a conexão entre idéia de que, quanto melhor for a tradução, na perspectiva do idioma de chegada, mais traidora será do ponto de vista do texto original.²⁰

Com relação a traduzir a experiência russa, Gramsci não estava se referindo propriamente à Revolução de Outubro, a "Revolução contra *O capital*" deveria ocorrer na Itália ou em qualquer lugar.²¹ O projeto do partido comunista e da Internacional Comunista não era a repetição de um evento dessa revolução. Uma transferência da Revolução de Outubro para a Itália se pareceria mais como uma representação, um evento teatral ou uma farsa – como observa Marx no *18 brumário* –²² do que com uma revolução que poderia mudar completamente a estrutura de poder de uma sociedade. Uma "revolução" não significa que um conteúdo possa ser transmitido para um contexto diferente, uma sociedade diferente. Seu referencial não é um objeto, uma idéia, uma marca ou uma teoria estática, em vez disso é uma relação dinâmica entre os elementos de uma dada sociedade.

Assim como diz Walter Benjamin a respeito das más traduções, "qualquer tradução que pretenda ter a função de transmitir não conseguirá transmitir nada além de informações – ou seja, algo que não é o essencial".²³ A história da Rússia e os detalhes contextuais da Revolução de Outubro não podem ser dissociados dessa revolução. Mas a tradução é precisamente a percepção de que há algo "não essencial" no contexto da Revolução Russa para a Itália.²⁴ A tradução necessariamente questiona o relacionamento entre a similaridade (ou unidade) e a diferença que ocorre em diferentes níveis de análise e de atividade. Como já argumentei antes, Gramsci procurou na lingüística formas de se pensar essas dinâmicas de identidade e diferença.²⁵ No paradigma lingüístico que ele estudou, a identidade histórica de uma forma lingüística ou expressão idiomática sempre é vista em relação às mudanças pelas quais ela passa (ou é definida por essas mudanças).

Um dos muitos recursos que Gramsci vê na tradução é que ela tem

de levar em conta toda a estrutura de ambas as línguas: a de partida e a de chegada. Para Gramsci, a rendição de Lênin ressalta a incapacidade de "traduzir nossa língua", não apenas uma palavra ou um evento, mas toda a língua, a estrutura completa. Como Gramsci explica em um contexto mais especificamente lingüístico:

Após algum tempo, os exercícios gramaticais feitos na escola revelaram que nas traduções latim-italiano e gregolatim não há identidade entre os termos lingüísticos colocados lado a lado ou pelo menos que a identidade que parecia estar no início do exercício ("rosa" no italiano = "rosa" no latim) ia se complicando cada vez mais com o progresso do aprendizado, distanciando-se cada vez mais do esquema matemático e chegando a um julgamento histórico [...]²⁶

O exercício da tradução requer e permite uma análise ampla de ambas as línguas e sociedades envolvidas na tradução, além do julgamento histórico.²⁷ Por sua vez, este significa que não se trata de um processo ou análise mecânica. Isso é fundamental, dado que os muitos escritos de Gramsci compõem uma reflexão sobre a tradução que são em parte uma resposta a Benedetto Croce. Croce tomou para si a posição audaciosa de que "a tradução é impossível", pelo menos quando se deseja algo mais do que uma atividade técnica.²⁸ Ligando a tradução ao julgamento histórico, Gramsci também subverte a insistência de Croce de que o julgamento histórico é individual, ou seja, filosofia.²⁹

[...] Gramsci procurou na lingüística formas de se pensar essas dinâmicas de identidade e diferença.

A tradução não é uma atividade técnica, mas requer julgamento normativo, o que a torna um ato histórico. O fato de a tradução não ser nem passiva nem esquemática é um ponto central na rejeição de Gramsci ao marxismo economista.

Seguindo essa orientação, com a discussão clara de Gramsci a respeito da tradução, fica uma questão quase respondida e prevista se os debates sobre a teoria política de Gramsci são uma ampliação e um aprofundamento das percepções fundamen-



Croce

tais de Lênin, aplicando-as ao contexto italiano, ou se são uma inserção de percepções novas à teoria política marxista.³⁰ Como se pode esperar, a ampliação detalhada de Gramsci ou a subversão da "tradução", especificamente em relação a Lênin, mina o terreno sobre o qual se basearia o debate.³¹ A noção de tradução de Gramsci torna cada perspectiva igualmente válida, mas também limitada, se a filosofia da práxis tiver de traduzir de forma orgânica e

rejeitar completamente os esquematismos gerais de outras perspectivas sobre a tradução. A idéia de que Gramsci seria o "Lênin italiano" é quase sempre sem sentido, a menos que o fator modificador, o "italiano", seja o diferencial, dado que Lênin era basicamente russo. Por outro lado, a alegação de que Gramsci seria o "Lênin italiano" pode ser tão provocativa quanto a noção de Gramsci de que Maquiavel seria o "Lutero italiano".³²

Toda a análise da história europeia e italiana, por meio dos escritos de Gramsci, pode ser vista como parte dos trabalhos preparatórios de se traduzir a revolução. É também seu método de análise da formação hegemônica da Europa ocidental que explica por que o PCI não teve êxito em sua tradução da revolução. Gramsci tenta entender as condições diferentes para as quais ele deseja (ou tentou) traduzir a "revolução" e como essas mesmas condições possibilitaram a traduzibilidade da revolução.

Sendo assim, Gramsci se une a Walter Benjamin, indo além de Eco com sua neutralização do modelo babélico de diversidade lingüística. Em vez disso, Gramsci enxerga a diversidade lingüística como algo que possibilita a tradução. Ele reconheceu o que os teóricos da tradução de filiação feminista vieram a desenvolver de forma mais completa. De acordo com Barbara Godard: "Embora a diferença seja um *topos* tradicionalmente de caráter negativo na tradução, a 'diferença' tem um caráter positivo na tradução de filiação feminista."³³ A diferença não é



David Ricardo

um obstáculo a ser superado como nas teorias de tradução tradicionais, que Godard descreve como sendo baseadas na "equivalência enraizada em uma poética da transparência". Em vez disso, a diferença é uma produtora de sentidos e a tradução pode tornar a exploração da mulher mais visível.³⁴

TRADUZIBILIDADE E ANÁLISE CULTURAL

Ao subverter a idéia de tradução como transmissão, Gramsci eleva a tradução ao *status* de um conceito filosófico e não como uma técnica puramente lingüística. Ele cita o exemplo de Luigi Einaudi segundo o qual, com talento, a linguagem geométrica pode ser traduzida em linguagem algébrica, o hedonismo pode ser traduzido em linguagem kantiana e o dado econômico pode ser traduzido sucessivamente nas linguagens de Adam Smith, Ricardo, Marx, John Stuart Mill e Cairnes. Gramsci parece esclarecer os paralelos entre o que Roman Jakobson chamou de tradução intralingüística e interlingüística.³⁵ Ele comenta que esse ponto de partida tão limitado é, talvez, a primeira etapa da questão mais ampla e profunda da tradução entre as culturas.³⁶ Mas ele assinala que essa tradução mais significativa entre as culturas pode nunca ser "perfeita". Na verdade, o que vem a ser perfeição nesse contexto?³⁷

Para Gramsci, talvez a descrição mais explícita de tradução seja

[...] que duas estruturas fundamentalmente similares tenham superestruturas "equivalentes" que sejam traduzíveis mutuamente, qualquer que seja o idioma nacional em questão. Os contemporâneos da Revolução Francesa estavam cientes desse fato e essa é a questão de maior interesse.³⁸

Para que não tiremos desta descrição um modelo estático ou determinístico de estrutura-superestrutura, Gramsci dedica a parte seguinte do *Caderno 11* aos perigos das metáforas biológicas de Marx. Ele sugere que o uso da anatomia por Marx como uma metáfora da economia dentro da sociedade se deve ao *status* que as ciências naturais desfrutavam nos tempos de Marx e à sua popularização. Gramsci é bem crítico com cada um desses atribui-

Gramsci se une a Walter Benjamin, indo além de Eco com sua neutralização do modelo babélico de diversidade lingüística.

tos da ciência.³⁹ Ele tem como meta encontrar a origem "lingüístico-cultural" dessa metáfora para "[...] definir o limite da própria metáfora, impedindo-a, em outras palavras, de se tornar prosaica e mecânica".⁴⁰ Por fim, ele embarca em uma discussão substancial para dispensar qualquer noção de que as superestruturas sejam dados mentais "ilusórios" ou "irreais" ou ainda mera aparência.

Sendo assim, a tradução ocupa uma parte importante na redefinição de Gramsci do modelo economicista da relação estrutura-superestrutura – que não é causal ou determinístico, mas que tem a ver com a traduzibilidade das linguagens filosófica, científica e cultural. André Tosel demonstra como Gramsci utiliza a tradução para superar qualquer "representação unilinear" do relacionamento da economia (estrutura econômica) com a política (superestrutura política). De acordo com Tosel, Gramsci substitui essa visão pelas relações em rede do bloco histórico. Dessa forma, Gramsci apresenta uma concepção não-mecanicista da "causalidade".⁴¹ Além disso, se a filosofia da práxis, como argumenta Tosel de modo tão convincente, como a unificação da teoria e da prática é em si mesma o produto da tradução completa que abre novos campos da atividade humana,⁴² então ela precisa contribuir para a mudança da economia capitalista. Nesse sentido, a tradução nos oferece uma metáfora para a análise política comparativa que vai além da mera tipologia das instituições políticas, mas busca compreender os elementos de cada sociedade através de suas relações com toda a estrutura social.

Essa recomendação de análise social pode ser vista mais em Gramsci nas considerações práticas a respeito da tradução, como se pode ver em uma carta que ele escreveu para sua mulher, na qual ele recomenda que ela se torne "tradutora de italiano" e que

um tradutor qualificado deve ser capaz não apenas de traduzir literalmente, mas também de traduzir termos conceituais de uma cultura nacional específica para outra, ou seja, deve ter um conhecimento crítico das duas civilizações e ser capaz de conhecer uma pela outra, utilizando a linguagem historicamente determinada da civilização para a qual deseja oferecer o material informativo.⁴³

Em outras palavras, a tradução é feita de análise sociocultural e requer essa mesma análise. Seu

objetivo não é transferir um objeto ou texto de um contexto para o outro, mas conhecer as duas civilizações por meio da comparação de suas linguagens historicamente determinadas. Assim como Walter Benjamin, para Gramsci, a tradução não é apenas a transmissão de um idioma para o outro ou o ato de tornar um texto acessível às pessoas que não falam o idioma no qual ele é escrito. As circunstâncias que conduziram à necessidade de tais (más) traduções impedem seu sucesso na visão de ambos os autores.

Em resumo, Gramsci desenvolveu um conceito de tradução que tem sido aceito mais recentemente por muitos teóricos: o de que a tradução não é uma atividade lingüística estritamente técnica, mas requer uma análise social e cultural mais ampla. Como observa Edwin Gentzler: "Há claramente uma mudança de foco nesse momento nos estudos da tradução; pode-se descrevê-la como um distanciamento do olhar para a tradução como um fenômeno lingüístico para vê-la como um fenômeno cultural."⁴⁴ Essa mudança tem sido rotulada de "virada cultural" nos estudos da tradução, por autores como André Lefevere e Susan Bassnett.⁴⁵ Acompanha essa virada o corolário de que a tradução não tem como objetivo a equivalência ou a apresentação do "mesmo texto" em um idioma diferente.⁴⁶

Comum a ambas as posições está a tese de Douglas Robinson de que a equivalência é, na melhor das hipóteses, uma ficção interpretativa e não deve ser o objetivo de todas as traduções. Ele sustenta que essa tradução de sentido-por-sentido é redutora e apenas rende frutos com um número limitado de textos técnicos e sem muitas exigências. Esse é o principal argumento para a posição geral de que os tradutores não são meros dispositivos impessoais de transferência, mas que utilizam suas emoções e posturas pessoais.⁴⁷ Esses movimentos na teoria da tradução se relacionam ao impacto das contribuições de Benjamin nos estudos da tradução (em especial, com os escritos de Derrida sobre Benjamin).⁴⁸ Para complementar essa noção de que a tradução e a política comparativa não devem

A tradução ocupa uma parte importante na redefinição de Gramsci do modelo economicista da relação estrutura-superestrutura.

apenas ter como objetivo a localização de equivalências e não-equivalências, mas que devem na verdade colocar os objetos da comparação em contato com o conhecimento crítico e trazer as mudanças para ambos os idiomas, vamos por fim voltar à leitura que Gramsci faz de Marx.

TRADUZINDO MARX

Outro ponto central da ênfase de Gramsci na não-equivalência na tradução é seu interesse recorrente no equacionamento de Marx e Engels da política francesa e da filosofia alemã em *A sagrada família*.⁴⁹ Como observa Valentino Gerratana, a declaração mais clara de Marx a esse respeito é:

Se Herr Edgar [Bauer] comparar por um segundo a *igualdade* francesa com a autoconsciência alemã, ele verá que o último princípio se expressa em alemão, ou seja, de forma abstrata, o que o primeiro é dito em francês, ou seja, na linguagem da política e da observação com reflexão.⁵⁰

Aqui, Gramsci faz a mesma manobra que vimos antes no tratamento que ele dá à declaração de Lênin. Ele inclui o conceito de tradução para questionar as nuances de tais comparações. Ele procura sinais dessa equivalência entre a política francesa e a filosofia alemã por meio da expressão de Carducci: "Immanuel Kant cortou a cabeça de Deus / E Maximilien Robespierre, a do rei." Gramsci observou que Croce encontra essa equivalência em Hegel e Fichte.

Esse argumento de que o princípio do desejo formal e da liberdade abstrata tem sua expressão concreta e, por conta disso, sua tradução na Revolução Francesa é, na visão de Gramsci, a "fonte" da XI tese de Marx sobre Feuerbach – "Os filósofos apenas *interpretaram* o mundo, de várias maneiras; a questão que se coloca é mudá-lo." Da mesma forma, mantém-se que para a alegação de Engels de que o povo alemão é o herdeiro legítimo da filosofia clássica alemã.⁵¹ Assim, como Gramsci ainda sugere, a união da teoria e da prática colocada pela



Jacques Derrida

filosofia da práxis estava inerente em Hegel, mesmo sem a ênfase correta ou ainda que obscurecida pelo idealismo.⁵²

A noção de tradução é um ponto central para a leitura que Gramsci faz de Marx com destaque para a XI tese. Isso traz o que a equivalência da tradução significa para Gramsci. Como ver uma equivalência entre a idéia política francesa de igualdade com o conceito filosófico alemão de

autoconsciência? Além disso, como devemos entender essas equivalências determinadas (sejam conceitos de igualdade ou autoconsciência ou ainda eventos como a revolução) que tornam totalmente traduzíveis as linguagens da política francesa e da filosofia alemã? Dado que o domínio da política francesa difere tanto da filosofia alemã, fica difícil ver isso como a transferência de algo para um contexto nacional ou geográfico.

Mas, com os *insights* de Gramsci sobre a tradução que requerem comparações sistêmicas de todas as estruturas em questão, e não apenas a "igualdade" ou a "autoconsciência" abstraídas de seus contextos, esse equacionamento da política francesa com a filosofia alemã se torna mais significativo. Essa noção de equivalência precisa estar mais próxima do sentido literal do que é "validado de forma equalizada", dentro da estrutura afim ao conceito de "valor lingüístico" de Saussure.⁵³

Como já argumentei, considerando a revolução como um conceito relacional, Gramsci é capaz de encontrar analogias entre a "sublevação política na França" e a "reforma filosófica na Alemanha", ambas em sua totalidade.⁵⁴ Como nos indicam as discussões de Gramsci, isso inclui as influências reais por que passaram as suas nações (à medida que a filosofia alemã influenciou claramente o *Risorgimento* italiano — sem contar a Revolução Francesa). Inclui ainda uma noção mais geral de que a hegemonia burguesa, resultante das mudanças em toda a Europa central, desde antes de 1789 até o século XIX, sintetizou as mudanças políticas vindas da França e das mudanças filosóficas vindas da Alemanha. É claro que a contribuição fundamental de Marx e Engels foi incluir a economia política clássica inglesa nessa questão.

Gramsci sugere que a união da teoria e da prática colocada pela filosofia da práxis estava inerente em Hegel.

Gramsci utiliza o equacionamento de Marx e Engels para questionar como devemos entender a asserção de Lênin de que a filosofia da práxis se origina no terreno de altíssimo desenvolvimento da cultura européia do século XIX, representado pela filosofia alemã, pela política francesa e pela economia inglesa.⁵⁵ Esses movimentos, tomados separadamente, contribuíram para a filosofia da práxis em seus respectivos domínios? Gramsci responde que essa é uma interpretação canhestra da asserção de Marx e Engels. Em vez disso, ele argumenta que esses movimentos devem ser considerados juntos ou devem ser interpretados mutuamente para que componham "toda a cultura de uma era". Essa união da política, da filosofia e da economia é identificada na nova concepção de "imanência", que é "traduzida da forma especulativa, conforme levado adiante pela filosofia alemã, para uma forma historicista com o auxílio da política francesa e da economia clássica inglesa".⁵⁶ O alcance da filosofia da práxis é a tradução que leva a efeito.⁵⁷ E isso requer a tradução entre diversas linguagens para a compreensão do mundo (filosofia, política, economia e sua discussão mais antiga das ciências físicas), bem como entre diferentes nações.

CONCLUSÃO

Diferente de Europa futura prevista por Eco, em que todos os cidadãos se comunicariam em sua própria língua, tentando entender a dos outros, em que as línguas envolvidas seriam as mesmas, sem influência desse intercâmbio, a tradução de Gramsci tem como objetivo mudar todas as línguas envolvidas e, assim, criar novas formas lingüísticas e idiomas. Diferindo da "solução" de Eco, que crê na união, a tradução de Gramsci é uma forma de criar a união, sem impô-la. Seguindo a metáfora da linguagem, essa unificação não é apenas uma questão de adotar o vocabulário ou a sintaxe de um outro idioma ou de tomar emprestado trechos ou partes. Não se trata de criar uma língua universal que dê conta do problema da diversidade lingüística. Em vez disso, trata-se de analisar a formação hegemônica da linguagem de um indivíduo e das circunstâncias sociais em que ocorre, comparando-a com uma outra linguagem ou cultura. Além disso, diferente da análise estrutural comparativa tradicional, que tende a ressaltar a estabilidade das estruturas sociais, a perspectiva de Gramsci se baseia no exato momento da mudança social: a revolução.

Gramsci não considera as diferenças sociais e culturais como meros elementos isolados e arbitrários, da forma como faz o liberalismo. Enquanto o liberalismo tolera e permite a diversidade, o socialismo gramsciano articula a diversidade de forma produtiva e criativa. Ampliando essa questão, gênero e etnia não devem ser vistos como diferenças que configurem obstáculos à solidariedade socialista. O socialismo não pode criar a união e a solidariedade, simplesmente abafando as diferenças. Por exemplo, a opressão da mulher não pode ser "traduzida" para a linguagem marxista, reduzindo-a a categorias de classe e, com isso, apenas transferindo as experiências das mulheres de forma esquemática para a linguagem marxista. Do ponto de vista gramsciano, toda a política revolucionária deve usar essas diferenças para mudar o mundo. A união não é a homogeneidade, mas é o produto de diversas experiências de vida e de visões de mundo diversas. Para usar o jargão dos tradutores, a tradução requer mudanças tanto na língua de partida quanto na língua de chegada. Longe de ser neutra ou um obstáculo, a diversidade é que pode trazer essa transformação.

O socialismo não pode
criar a união e a solidariedade,
simplesmente abafando
as diferenças.

NOTAS

- 1 Antonio Gramsci, *Further Selections from the Prison Notebooks*, Organização e tradução Derek Boothman (Minneapolis: University of Minnesota Press, 1995), p.307. A obra será citada no conjunto de referências com a sigla *FSPN*. Também utilizei para a citação dos cadernos a letra "Q", seguida do número da seção, para simplificar a localização da passagem em antologias e na edição crítica em inglês da qual foram publicados apenas os dois primeiros volumes (Q11§47). A fonte dos trabalhos do autor é: A. Gramsci, *Quaderni del carcere*, 4 volumes, edição crítica de Valentino Gerratana (Turim: Einaudi, 1975). Será citada neste trabalho apenas como *QC*.
- 2 J. Lester, J. "Modernity, Irony and Socialist Culture", em *Counter Hegemony*, Special Issue Zero, 1998, pp.16-27, em especial pp. 19-20; *The Dialogue of Negation: Debates on Hegemony in Russia and the West* (Londres: Pluto Press, 2000).
- 3 Peter Ives, "A Grammatical Introduction to Gramsci's Political Theory", em *Rethinking Marxism*, vol. 10, nº 1, Primavera, 1998, pp. 34-51; "The Grammar of Hegemony", em *Left History*, vol. 5, nº 1, Primavera, 1997, pp. 85-104, a ser incluído na edição do livro de J. Martin, *Antonio Gramsci: Critical Assessments* (Londres: Routledge), a sair. Ver ainda: F. Lo Piparo, "Studio del linguaggio e teoria gramsciana", em *Critica Marxista*, vol. 2, 1987, pp. 167-175; e do mesmo autor: *Lingua intellettuali egemonia in Gramsci* (Bari: Laterza, 1979).

- ⁴ Gramsci partilha da preferência radical de King sobre o idioma de chegada da tradução, segundo o qual uma boa tradução deve ser lida como se estivesse escrita no idioma de partida.
- ⁵ Umberto Eco, *The Search for the Perfect Language* (Oxford: Blackwell, 1995), p. 351.
- ⁶ Humboldt, W. *Linguistic Variability and Intellectual Development* (Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 1971).
- ⁷ Walter Benjamin, "The Task of the Translator", em Hannah Arendt (org.), *Illuminations: Essays and Reflections* (Nova York: Schocken Books, 1968), p. 75.
- ⁸ Eco apresenta essa questão em relação ao ensaio de Walter Benjamin, "A tarefa do tradutor", e propõe-se a resolvê-la com uma "ferramenta comparativa, não com a própria linguagem, que pode (apenas de forma aproximada) ser expressa em qualquer idioma e que pode ainda nos permitir comparar duas estruturas lingüísticas quaisquer que pareçam incomensuráveis", cf. Umberto Eco, *The Search for the Perfect Language*, cit., p. 349.
- ⁹ Para relacionar apenas alguns, temos o seguinte: Rodolphe Gasché, "Saturnine Vision and the Question of Difference: Reflections on Walter Benjamin's Theory of Language", em *Studies in Twentieth Century Literature*, vol. 11, n° 1, 1996, pp. 69-90; Andrew Benjamin, *Translation and the Nature of Philosophy: a New Theory of Words* (Londres: Routledge, 1989), em especial o capítulo 4, denominado "Walter Benjamin: and the Translator's Task", pp. 86-108; Jacques Derrida, "Des Tours de Babel", tradução para o inglês de Joseph Graham, em *Difference in Translation* (Ithaca: Cornell University Press, 1985), pp. 165-205; Paul DeMan, "Conclusions: Walter Benjamin's 'The Task of Translator'", palestra, Cornell University, 4 de março de 1983, *Yale French Studies*, 69, 1985, pp. 25-46.
- ¹⁰ O aparato crítico de Garretana dos *Quaderni del carcere* não inclui "tradurre" em seu amplo índice de assuntos. Mas, mesmo uma lista incompleta de referências indica a importância do conceito para Gramsci. Omitindo as seções a serem discutidas em detalhe a seguir, uma entrada de índice parcial seria a seguinte: Q3§48 (SPN, p. 200), Q6§87 (FSPN, p. 17), Q10I§5 (FSPN, p. 339), Q10I§6 (FSPN, p. 343), Q10I§7 (FSPN, p. 344), Q10I§11 (FSPN, p. 355), Q10II§9 (SPN, p. 400-1), Q10II§28 (FSPN, p. 99), Q10II§31 (FSPN, p. 385), Q10II§41 (FSPN, p. 403), Q11§12 (SPN, p. 325), Q11§25 (SPN, p. 429), Q11§65 (SPN, p. 403), Q13§13 (SPN, p. 143), Q 15§61 (SPN, p. 417), Q19§24 (SPN, p. 78). Essas referências englobam as reflexões históricas, sociológicas e culturais de Gramsci, suas notas a respeito de Croce e sua leitura de Marx. A sigla SPN faz referência à obra *Selections from the Prison Notebooks*, edição e tradução de Quintin Hoare e Geoffrey Nowell Smith (Nova York: International Publishers, 1971). Outros trabalhos recentes reconheceram o caráter central da questão da "tradução" na visão de Gramsci. São eles: Lucia Borghese, "Tia Alena in Bicicletta: Gramsci traduttore dal tedesco e teorico della traduzione", em *Belfagor*, vol. 36, n° 6, novembro de 1981, pp. 635-65; Derek Boothman, "Translating Signal to Sign: the Case of Gramsci's Quaderni", em Antonio Loprieno (org.), *Miscellanea fra linguistica e letteratura* (Nápoles: Edizione Scientifiche Italiane, 1988), pp. 57-88; Maurizio Lichtner, "Traduzione e metafore in Gramsci", em *Critica Marxista*, vol. 39, n° 1, jan.-fev. 1991, pp. 107-131; André Tosel, "Il lessico gramsciano filosofia della prassi", em *Marxismo Oggi*, n° 1, 1996, pp. 49-67, em especial pp. 62-67. Para ter acesso a um comentário feito anteriormente por Christine Buci-Glucksmann, breve porém muito lúcido e conjectural, a respeito do uso da "tradução" por Gramsci, consultar: *Gramsci and the State*, tradução para o inglês de David Fernbach (Londres: Lawrence and Wishart, 1980), pp. 367-171. Ver ainda a seção "Science, Logic and Translatability", em *FSPN*, pp. 278-325.
- ¹¹ *SPN*, p. 238, Q74§16.
- ¹² Para Gramsci, é importante distinguir se o consentimento é resultante de uma criação ativa de um desejo coletivo nacional-popular ou apenas um processo passivo que explora as visões de mundo incoerentes e fragmentadas dos povos envolvidos.
- ¹³ *FSPN*, p. 306, Q11§46, ver também Q7§2, em que Gramsci coloca palavras supostamente de Lênin como uma citação e escreve "europeu" entre aspas: "Vilici disse e escreveu: 'non abbiamo saputo 'tradurre' nelle lingue 'europee' la nostra lingua'."
- ¹⁴ Obviamente, ele escreveu originalmente em russo, mas presume-se que tenha aprovado a tradução oficial para o inglês.
- ¹⁵ V. I. Lênin, *Collected Works*, vol. 33 (Moscou: Progress Publishers, 1966), pp. 430-432. Em outra ocasião Lênin discute a questão da "tradução" da "ditadura do proletariado" para as línguas modernas com a expansão dos soviets pelo mundo. Ele a compara à tradução do latim para uma língua que fosse entendida pelo grande público; cf. *Collected Works*, vol. 28 (Moscou: Progress Publishers, 1965), pp. 455-456.
- ¹⁶ *FSPN*, pp. 306-318, Q10§6, Q11§47-50, Q17§18, Q15§64.
- ¹⁷ Ver C. Buci-Glucksmann, *Gramsci and the State*, cit., p. 123, e Camilla Ravera, *Diario di trent'anni 1913-1943* (Roma: Riuniti, 1973), p. 18.
- ¹⁸ É claro que também é verdade que os conceitos gramscianos, como hegemonia, foram utilizados por ele de forma tradicional, não-gramsciana no final de seus cadernos do cárcere. A esse respeito ver a tese de doutoramento de William Hartley na University of Chicago, 1985, *Politics and Culture in Antonio Gramsci's Quaderni del carcere* (em especial as páginas 90-92). Ele também utiliza o termo "tradurre" no sentido comum, como um sinônimo de "possibilidade de intercâmbio" ou ainda como "redução", por exemplo em Q4§42, Antonio Gramsci, *Prison Notebooks*, vol. 2, tradução de Joseph Buttigieg (Nova York: Columbia University Press, 1996), p. 192; Q11§48, *FSPN*, p. 308. Já em Q10II§28, ele faz a oposição entre "tradurre" e "interpretare" (respectivamente, traduzir e interpretar), em *FSPN*, p. 99. Tais inconsistências, ainda que causem alguma confusão ou mesmo inexactidão, parecem nos sugerir pouco, exceto por nos lembrar as condições em que Gramsci está escrevendo.
- ¹⁹ *SPN*, p. 450, Q11§24.
- ²⁰ Para ter acesso a uma brilhante discussão sobre gênero a respeito dessa ligação (a noção de tradução como algo feminino e secundário com relação ao material de origem, que seria o "original", masculino e resultante do trabalho criativo), ver Lori Chamberlain, "Gender and the Metaphorics of Translation", em Lawrence Venuti (org.), *Rethinking Translation: Discourse, Subjectivity, Ideology* (Londres: Routledge, 1992), pp. 57-74.
- ²¹ Antonio Gramsci, *Selections from Political Writings 1910-1920*, Quintin Hoare (org.), trad. John Mathews (Minneapolis: University of Minnesota Press, 1990), pp. 34-37. Gramsci conscientemente desenvolveu uma compreensão com mais

- nuanças da revolução bolchevique e de *O capital*, de Marx, após esse famoso artigo de 1917.
- ²² Ver a famosa abertura de *18 brumário de Luís Bonaparte*, de Karl Marx (Moscou: Progress Publishers, 1934), p. 10.
- ²³ Walter Benjamin, "The Task of the Translator", cit., 69.
- ²⁴ É claro que nem Benjamin nem Gramsci sugeririam que os detalhes do contexto seriam "não essenciais" por natureza, mas sim o contrário.
- ²⁵ Ver a respeito: Peter Ives, "A Grammatical Introduction to Gramsci's Political Theory", cit.
- ²⁶ Antonio Gramsci, *Selections from Cultural Writing*, David Forgacs & Geoffrey Nowell-Smith (orgs.), trad. William Boelhower (Cambridge: Harvard University Press), pp. 384-385, Q16§21. Da mesma forma, Gramsci argumentou que, antes das reformas educacionais impostas pelo fascismo, "os alunos não aprendiam latim ou grego para falar o idioma, para serem garçons, intérpretes ou escreverem cartas comerciais. Eles aprendiam para conhecer, em uma leitura de primeira mão, as civilizações grega e latina, cujo conhecimento era uma condição prévia e necessária para o entedimento da civilização moderna. Em outras palavras, eles aprendiam para conhecer a si mesmos e para ser como eram, de forma mais consciente", cf. *SPN*, p. 37, Q12§2.
- ²⁷ Boothman faz uma leitura ampla desse aspecto da tradução no trabalho de Gramsci e o demonstra com a tradução do termo "intelletuale tradizionale" no contexto britânico; ver Derek Boothman, "Translating Signal to Sign: the Case of Gramsci's Quaderni", cit., pp. 57-81.
- ²⁸ Benedetto Croce, *The Aesthetics as the Science of Expression and of the Linguistic in General*, trad. Collin Lyas (Cambridge: Cambridge University Press, 1992), p. 76.
- ²⁹ Para uma discussão a respeito desses termos em Croce, ver a obra de Maurice Finocchiaro, *Gramsci and the History of Dialectical Thought* (Cambridge: Cambridge University Press, 1988), p. 48.
- ³⁰ Bucí-Glucksmann argumenta que a maior parte dos destaques feitos sobre a contribuição original de Gramsci é uma tentativa de opor Gramsci a Lênin e se baseia na subestimação do lugar da "hegemonia" na teoria de Lênin; ver C. Bucí-Glucksmann, *Gramsci and the State*, cit., em especial pp. 174-195. Outras interpretações de Gramsci como basicamente um leninista podem ser encontradas nos seguintes trabalhos: Palmiro Togliatti, *Gramsci* (Roma: Riuniti, 1967); Perry Anderson, "The Antinomies of Antonio Gramsci", em *New Left Review*, nº 100, novembro 1976 a janeiro 1977, pp. 5-78; Paolo Spriano, *Storia del Partito comunista italiano*, vol. 1 (Turim: Einaudi, 1967). O segundo é muito mais amplo, incluindo uma gama variada de interpretações.
- ³¹ Para ver uma exposição da "subversão da linguagem" de Gramsci, ver o ensaio de Anne Showstack Sassoon, "Gramsci's Subversion of the Language of Politics", em *Rethinking Marxism*, vol. 3, nº 1, 1990, pp. 14-25.
- ³² Ver a obra de Benedetto Fontana, *Hegemony and Power: on the Relation between Gramsci and Macchiavelli* (Minneapolis: University of Minnesota Press, 1993), em especial a introdução e o capítulo 3. Gramsci também utiliza esse método de comparação na negativa: "Gioberti não é, de modo algum, o Hegel italiano", cf. *FSPN*, p. 442, Q7§79.
- ³³ Barbara Godard, "Theorizing Feminist Discourse/Translation", em *Tessera* 6, Primavera, 1989, p. 50.
- ³⁴ *Ibid.*, p. 47.
- ³⁵ Roman Jakobson, "On Linguistic Aspects of Translation", em Reuben Brower (org.), *On Translation* (Cambridge: Harvard University Press, 1959).
- ³⁶ *FSPN*, pp.308-309, Q11§48. Gramsci é muito claro em outros pontos nessa passagem de que o ponto de partida de Einaudi é "muito limitado e se refere não tanto a línguas de diferentes culturas nacionais, mas também às linguagens particulares de diferentes personalidades científicas".
- ³⁷ Maurizio Lichtner destaca as discussões de Gramsci a respeito das complicações da tradução, questões teóricas e limites que não se podem transcender; ver a respeito: "Traduzione e metafore in Gramsci", cit., p. 22.
- ³⁸ *FSPN*, p. 312, Q11§49. Essa descrição é similar aos modelos de tradução baseados em codificação e recodificação. Mas, como se argumentará mais adiante, Gramsci amplia essa dinâmica além desses modelos em sua análise cultural global, que se concentra definitivamente na mudança social.
- ³⁹ *FSPN*, pp. 281-282, Q6§180; *FSPN*, pp. 294-295, Q11§39.
- ⁴⁰ *FSPN*, p. 315, Q11§50.
- ⁴¹ André Tosel, "Il lessico gramsciano filosofia della prassi", cit., pp. 58-59.
- ⁴² *Ibid.*, pp. 64-65.
- ⁴³ Antonio Gramsci, *Letters from Prison*, vol. 2, trad. Frank Rosengarten (Nova York: Columbia University Press, 1994), p. 207.
- ⁴⁴ Edwin Gentzler, *Contemporary Translation Studies* (Londres: Routledge, 1993), p. 185.
- ⁴⁵ André Lefevere & Susan Bassnett, "Introduction: Proust's Grandmother and the Thousand and One Nights. The 'Cultural Turn' in Translation Studies", em *Translation, History and Culture* (Londres: Pinter, 1990), pp.1-13. Bassnett-McGuire acompanha essa "virada" no mundo anglofone até o ensaio de Catford de 1965, quando se assinala que: "Na tradução, há substituição dos sentidos provenientes da língua de partida para a língua de chegada e não uma transferência dos sentidos da língua de chegada para a língua de partida. Na transferência, há a implantação dos sentidos da língua de partida para a língua de chegada. Deve-se fazer a distinção desses dois processos de forma clara em qualquer teoria de tradução", citado por Bassnett-McGuire, p. 6. Ver ainda: Barbara Godard, "Culture as Translation", em *Translation and the Multilingualism in Post-Colonial Contexts* (Nova Deli: Pencraft, 1996), pp. 157-183.
- ⁴⁶ Tais idéias, é claro, tiveram precursores: ver André Lefevere & Susan Bassnett, "Introduction: Proust's Grandmother and the Thousand and One Nights. The 'Cultural Turn'", em *Translation Studies*, cit., pp. 44-45. André Lefevere argumenta que, como a cultura européia dos acadêmicos, membros do clero ou literatos era bilingüe ou mesmo multilingüe, o objetivo principal das traduções não era tornar mais acessíveis os textos em língua estrangeira; ver André Lefevere, "Translation: Its Genealogy in the West", em *Translation, History and Culture*, pp. 14-29. Mas a equivalência é certamente um ponto central para o entendimento da tradução ao modo tradicional, quando Benjamin e Gramsci estavam escrevendo.
- ⁴⁷ Douglas Robinson, *The Translator's Turn* (Baltimore: John Hopkins University Press, 1991).
- ⁴⁸ Ver, por exemplo, Jacques Derrida, "Des Tours de Babel", e Christie McDonald (org.), *The Ear of the Other: Autobiography*,

Transference, Translation, (Lincoln: University of Nebraska Press, 1985).

⁴⁹ *FSPN*, pp. 307-309, Q11§48; *FSPN*, p. 310, Q11§49; *FSPN*, p. 313, Q17§18; *FSPN*, p. 319, Q10§60.

⁵⁰ *QC*, pp. 2.486-7. Conforme traduzido do alemão em Karl Marx & Friedrich Engels, *The Holy Family* (Moscou: Edições em Língua Estrangeira, 1956), p. 55.

⁵¹ *FSPN*, p. 311, Q11§49.

⁵² *FSPN*, p. 371-372, Q10II§4. Ver Maurizio Lichtner, "Traduzione e metafore in Gramsci", cit., p. 120.

⁵³ Ferdinand Saussure, *Course in General Linguistics* (La Salle: Open Court, 1986), pp. 110-120.

⁵⁴ *FSPN*, p. 312, Q11§49.

⁵⁵ *SPN*, pp. 399-400, Q10II§9.

⁵⁶ *SPN*, p. 400, Q10II§9. Para uma análise detalhada da concepção de imanência, ver Maurizio Lichtner, "Traduzione e metafore in Gramsci", cit. e André Tosel, "Il lessico gramsciano filosofia della prassi", cit.

⁵⁷ *SPN*, p. 401, Q10II§9.